

GENTE DAS REDONDEZAS

José Calasans

## O JAGUNCINHO DE EUCLIDES

A expressão jaguncinho aparece, frequentemente, nos últimos dias da campanha de Canudos, em 1897. Jaguncinho é o menino-jagunço, quase sempre sem pai nem mãe, que os soldados iam encontrando, em grande número, à proporção que os casebres do arraial caíam em poder das forças sitiadas. As crianças estavam em péssima situação, feridas, esqueléticas, nuas, morrendo de fome. Era doloroso vê-las. Causava pena o estado de tantos inocentes, cujos pais, não raro, continuavam combatendo, certos de que os salvaria, no momento oportuno, o poder miraculoso de Antonio Conselheiro. Naquele terrível drama de incompreensão, quando os jagunços liquidavam os soldados e os militares atuavam com o mesmo impulso destruidor, o jaguncinho era o único ser humano a despertar sentimentos mais nobres no coração dos lutadores. Era preciso salvá-los de qualquer forma, inclusive, pensando no meio de fazê-los retornar ao convívio da sociedade. Generalizou-se, então, no meio dos combatentes republicanos, a ideia de amparar aquelas inocentes, vítimas da luta fratricida. A princípio, ficaram os oficiais e soldados das cercanias de Canudos com a humana tarefa do necessário amparo. Depois, aos civis das localidades próximas também foi cometida a mesma missão humanitária. Nem todos estiveram à altura da nobre incumbência. Muitas das meninas-jagunças foram defloradas por seus supostos protetores; muitas crianças passaram a viver como se fossem escravas nas casas que as abrigavam. Espíritos generosos e revoltados denunciaram, publicamente, as misérias de tais procedimentos. Bem que se devia escrever um ensaio ou um romance, fixando o drama de tantos jaguncinhos.

Entre as inúmeras pessoas que receberam seu jaguncinho, estava Euclides da Cunha, correspondente especial d'O Estado de São Paulo junto às forças que combatiam o arraial do Belo Monte. O fato, pelo que nos foi possível apurar, não vem mencionado pelos inúmeros biógrafos de Euclides da Cunha, alguns dos

quais seguros nas pesquisas e lúcidos nas interpretações da vida e obra do consagrado autor de *Os Sertões*.

Vamos procurar reconstituir, na base de documentos válidos, a história do jaguncinho entregue à proteção de Euclides da Cunha.

A primeira nota está na “Caderneta de Campo” do escritor, precioso inédito guardado no arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, oferta do Dr. João Carlos Rodrigues, em 1919. Leem-se, na referida caderneta, anotações correspondentes ao dia 22 de setembro de 1897: “Noto com tristeza que o jaguncinho que me foi dado pelo general (Artur Oscar) continua doente e talvez não resista à viagem para Monte Santo”. Embora não haja anteriormente na “caderneta”, nenhuma referência ao dia da entrega do menino, admitimos que tal fato houvesse ocorrido a 21 de setembro, quando Euclides da Cunha registrou: “À 1 hora, o general Artur mandou-me chamar para a prosa, lá estava o cap. Salvador. Conversamos até a hora do jantar, jantei com ele e continuamos a palestra fora, sentados à porta da barraca em grupo a que se ligavam o Dr. Curió, Tupy, Guabiru e outros. Interrogamos um jaguncinho quase inanimado, vindo de Cocorobó”. Teria sido o menino de Cocorobó o jaguncinho de Euclides?

As apreensões do jornalista não se tornaram realidade. A criança doente venceu a jornada Canudos-Monte Santo e as demais etapas da viagem para São Paulo. Chegou à Paulicéia, em companhia do seu protetor, a 21 de outubro de 1897. É o que nos diz a *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, em sua edição de 22 do citado mês e ano. “Na Estação do Norte, o dr. Euclides era esperado pela redação d’O *Estado* e por muitos amigos. Em companhia do dr. Euclides veio um jaguncinho de sete anos, que ficará sob a proteção do dr. Gabriel Prestes, diretor da Escola Normal. O jaguncinho não tem pai nem mãe, é muito vivo e narra com precisão admirável todos os episódios sangrentos dos últimos combates nos quais ele perdeu os pais”.

Não para, aí, a interessante história, que vai ganhar dimensão anos depois. Entregue aos cuidados do educador paulista Gabriel Prestes, o menino-jagunço, que adotou o sobrenome do seu orientador, passando a chamar-se Ludgero Prestes, conquistou o diploma de professor complementar, do que deu notícia a Euclides da Cunha, em carta datada de 3 de outubro de 1908. A resposta do autor de “Peru Versus Bolívia”, cujo autógrafo foi oferecido à Casa de Euclides da Cunha, em São José do Rio Pardo, em 1947, pelo então governador de São Paulo, dr. Adhemar de Barros, retrata a emoção do missivista ao tomar conhecimento do destino daquele pobre menino a quem ele encaminhara na vida, após o desfecho da sangrenta tragédia de Canudos. Merece transcrita, neste registro, a epístola de Euclides da Cunha: “Ludgero Prestes, recebi a sua prezada carta de 3 do corrente; li-a com surpresa indescritível, verdadeiramente encantado; e não poderei traduzir-te a minha comoção ao ver aparecer-me quase homem – e homem na mais digna significação da palavra – o pobre jaguncinho que me apareceu pela primeira vez há onze anos no final de uma batalha. Mas na mesma ocasião associei-te à recordação de um amigo a quem deves muito mais do que a mim. O que fiz foi, na verdade, muito pouco: – O trabalho material de livrar-te das mãos dos bárbaros e conduzir-te a São Paulo. A minha ação verdadeiramente única foi confiar-te a Gabriel Prestes. A ele, sim, deves a tua maior e incalculável gratidão. Quero que me estendas sempre a tua mão de amigo – mas a Gabriel Prestes deves dedicar, incondicionalmente, todo o teu coração. Ao lado da tua fotografia veio a tua carta e nesta vi refletir um espírito capaz de grande desenvolvimento. O modesto professor complementar de agora – iniciado, como foi, na vida, por um mestre daquele porte, há de subir mais alto. Mas ainda que isto não aconteça, a tua posição atual já é um triunfo. Continua, portanto, na trilha que te aponta um dos mais belos caracteres que conheço e sempre que puderes manda notícias tuas a quem também se preza de ser teu amigo muito afetuoso.

a) *Euclides da Cunha*

PS. – Moro na Rua Humaitá, 61, e não preciso dizer-te que ali tens, francamente aberta, uma casa, tão hospitaleira quanto a minha rude barraca de Canudos. Muitas saudades a Gabriel Prestes”.

Como conversa puxa conversa, aqui fica a pergunta: Qual teria sido, depois de 1908, o destino do jaguncinho que se fez professor primário em São Paulo? Quem, por outro lado, sabe de informações de jaguncinhos para nos fornecer?

## O VELHO BURQUEIRA

Em 1897, o velho Buraqueira morava nos arredores de Cansanção, pequeno povoado na estrada Queimadas-Monte Santo. Segundo Euclides da Cunha, seu nome era Gomes Buraqueira e tinha “oitenta anos bem contados”. O repórter d’O Estado de São Paulo ficou impressionado com a força física do ancião que “alevantou, por três vezes, num amplexo formidável”, a um metro de altura, o coronel Calado, oficial superior do Estado-Maior do Ministro, marechal Machado Bittencourt. Euclides falou assim num artigo para o diário paulista. No livro famoso, porém, o homem alevantado foi o próprio titular da pasta. Eis o texto: “O lugarejo é um clan. Pertence a uma família única. O seu chefe, genuíno patriarca, congrega filhos, netos e bisnetos em oração ruidosa ao marechal, o *monarca*, conforme bradava convicto, numa alacridade ingênua e sã ao alevantar nos braços cansados de um labutar de oitenta anos o ministro surpreendido” (Euclides da Cunha, 06: p. 527).

O velho Buraqueira não era jagunço, nem antijagunço. Apresenta-se antes de tudo como um sertanejo, o que vale dizer, um forte. Ele se destacou pela hospitalidade. Militares, jornalistas, acadêmicos, tropeiros que passaram por Cansanção receberam acolhedor tratamento. Um banco de madeira para descanso, um copo d’água para mitigar a sede naquele sertão árido, uma xícara de café, que os viandantes não esqueciam. Quem passou pelo arraial nos dias tenebrosos da Guerra de Canudos guardou uma boa lembrança do octogenário hospitaleiro. Léllis Piedade, que calculou 72 anos para o velho, bebeu urna caneca de água fria e um café quente em sua casa, dele recebendo mesas e bancos de madeira para instalação do Comitê Patriótico naquele distanciado ponto sertanejo. O acadêmico de medicina Francisco Xavier de Oliveira (16: p. 155), no trabalho “Reminiscências da Guerra de Canudos”, publicado na Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (vol. 69-1943 - p. 155), relatou o encontro do seu grupo de estudantes

com o Buraqueira. “Mal nos íamos aproximando, sai de lá um velho desempenado, alto, espadaúdo, tez acobreada, cabelos quase lisos e alvos. Vem na nossa direção com ar acolhedor. Identificamo-lo logo pelas notícias que se nos tinham dado desse elemento de ordem. O narrador não se conteve e exclamou: “Velho Buraqueira”. Em cima das buchas veio a resposta: “Aqui estou na vossa beira, vossa senhoria”. Foi uma demonstração recíproca de alegria entre o octogenário forte e a turma moça ali presente”. Tomaram, depois, um café saboroso, trazido num bule grande por um menino, como o velho chamou a um dos filhos, tão alto quanto ele. Também Alvim Martins Horcades, outro estudante que foi a Canudos e passou pelo povoado, recordou o velho Buraqueira, contando não somente as gentilezas recebidas, como também os serviços que ele prestara aos chefes militares como Tompson Flores e Tupi Caldas, de quem o ancião guardava alguns bilhetes.

Cansanção é hoje um próspero município baiano, plantado na zona da Guerra de Canudos. Possuía, em 1897, apertadas uma rua, que frei Pedro Sinzig, por troça, batizou de rua do Ouvidor. Ali, o frade alemão, pintor e poeta, viveu algum tempo, tendo composto, em verso, um hino à minúscula localidade. Desenhou também as casas da “rua do Ouvidor” e cuidou dos feridos que por ali transitaram. Ele conheceu o patriarca Buraqueira, homem de grandes serviços a todos quantos ali repousaram. Que parentes do velho ainda viverão nos dias presentes? Gostaria de ter suas notícias e novas informações de Gomes Buraqueira.

## CARTAS DE UM ANTIJAGUNÇO

José Américo Camelo de Souza Velho, sertanejo, fazendeiro, coronel da Guarda Nacional, ferrenho inimigo de Antonio Conselheiro e seus seguidores. Um autêntico antijagunço. Queixou-se do Bom Jesus a vida inteira. Durante e depois de Canudos. Alegrou-se com o fim trágico do Belo Monte. Recebeu com incontida satisfação a morte de Antonio Vicente. Extravasou seu contentamento – diríamos melhor seu ódio –, escrevendo ao Barão de Jeremoabo, de quem era primo e dedicado amigo, a 15 de outubro de 1897, alguns dias rodados do término do povoado messiânico: “Peço-lhe e dou minhas alvíssaras pela morte do monstro horroroso do Brasil, Antonio Maciel, assim como seus maiores confidentes, Macambira, Norberto, Manuel Franco...” Indo adiante, na mesma missiva, censurava o Ministro da Guerra, marechal Machado Bittencourt, porque não autorizara o degolamento dos vencidos, homens, mulheres e crianças. Mencionando alguns dos “monstros” degolados, o coronel José Américo dizia ao dr. Cícero Dantas Martins: “O tal monstro Vilanova fugiu encontrado na Formosa. Francelino, monstro malvado, pegado, sangrado, queimado. Houve para mais de duzentos degolados de 2 para 3 dias, seguindo assim e assim tem seguido. Muitas mulheres e crianças em Monte Santo seguindo para a Bahia para dar dispêndio ao Estado! que era tudo ser degolado mas assim não quer o tal marechal que diz retirar todas as forças deixando o sertão contaminado com mais de 2 a 3 mil jagunços” (sic) .

Desde 1894, aliás, que o coronel José Américo se mostrava preocupado e revoltado contra a ação do Bom Jesus Conselheiro. Escrevendo ao ilustre parente, a 28 de fevereiro do ano acima citado, informava: “Tenho vivido internado nestas catingas sem ter notícias ou comunicação com parte alguma; e apesar desta vida de retiro ia indo bem, mas já hoje não está assim, a vista de estar perto do trono do retirante de saco às costas (o tal conselheiro Antonio da malvadeza) que não



tendo mais governo nesta infeliz terra está ele mais poderoso do que Napoleão 1º. Eu não sou mais brasileiro e considero a maior ofensa (sic) que um homem me pode fazer é chamar-me brasileiro e pretendo naturalizar-me como africano. Temos muito breve de ver este sertão confiscado por ele e seu povo; pois está com mais de 16 mil pessoas, povo este miserável, tudo que foi escravo, tudo que é criminoso de todas as províncias; não tendo uma só criatura que seja humana e ele impondo as leis criando exércitos de soldados e fazendo tudo que lhe vem a vontade; basta deste sentido que me incomoda”. Sempre vigilante, José Américo transmitia notícias do Conselheiro, acompanhando seus passos, temendo suas atividades. No começo de 96, falando a respeito da ida do peregrino a Bom Conselho, informava e comentava: “O Conselheiro está agora percorrendo as vilas deste sertão plantando sua lei que ele é Governo, desta terra sem lei, pior governo. Ontem subiu (a carta é de 2 de janeiro) com um pessoal imenso, e tendo raspado desta terra os vinténs que tinha e tudo mais, o povo dando e pedindo esmola. Pessoas que nunca julguei acompanhá-lo seguiram com ele”. Na época da campanha, prestou serviços, indicando estradas, fornecendo animais, providenciando alimentação para as tropas. Euclides da Cunha e Macedo Soares registraram as ajudas do coronel sertanejo. Fez-se amigo do general Artur Oscar, segundo contou numa das suas cartas. Mesmo após o término da guerra, apareceu nas colunas de jornais, polemizando com inimigos políticos, que apontava com conselheiristas. Homem afeito ao trabalho, decidido, não se deixava vencer facilmente.

Suas cartas ao parente Barão merecem publicadas. É o que deseja fazer a ilustre profª Consuelo Pondé de Sena, devidamente autorizada pela família do dr. Cícero Dantas Martins, que bem sabe conservar a correspondência guardada pelo ancestral ilustre.

## UMA HISTÓRIA DE AMOR

Uma quadra popular, que nos foi comunicada pelo mestre Estácio de Lima, exalta a ação do V de Polícia nas pelepas de Canudos.

Coronel Moreira César  
Viva o nosso brigadeiro  
Viva o V de Polícia  
Viva o Exército Brasileiro.

Na força baiana, que esteve sempre presente nos momentos mais dramáticos da guerra, durante o período do general Artur Oscar, um dos nomes a destacar é o do capitão Ângelo Francisco da Silva, comandante da IV Companhia da sua unidade, posto que alcançou, promovido por ato de bravura após o combate de 18 de julho. Era um soldado de origens humildes, de cor preta, nascido em 1867. Completou seus 30 anos nos dias da guerra. Como tantíssimos outros oficiais de polícia baiana, fez toda a carreira na tropa, morrendo, ainda em serviço, no alto posto de tenente-coronel, quando estava na cidade de Lençóis, numa comissão especial do governo, a 19 de agosto de 1926. Em 1912, por causa de sua posição legalista, no histórico episódio do *bombardeio da Bahia*, foi reformado pelo *seabrismo* vitorioso. Passou 11 anos afastado da corporação, somente revertendo à atividade no quadriênio Goes Calmon. Sua fé de ofício, recordada pelo historiógrafo da polícia Militar da Bahia, Oscar Moreira de Araújo, demonstra uma vida digna de ser sempre lembrada como exemplo para seus companheiros d'armas.

O capitão Ângelo viveu, no tempo de Canudos, uma história de amor, que terminou em casamento. Apaixonou-se por uma jagunça, sergipana de nascimento, de nome Maria Rosa dos Santos. A moça era branca e descendia de pais abastados. Nascera na fazenda Samba, depois povoado Bonfim, no atual município sergipano de Riachão dos Dantas. Antonio Conselheiro passara na

localidade e fizera muitos adeptos, que depois se deslocaram para Canudos. Os pais de Maria Rosa morreram no fim da luta. O pai, Joaquim José dos Santos, durante os combates; a genitora, Felismina José dos Santos, vitimada pela varíola, no hospital de Alagoinhas. Ela era irmã de Marciano de Sergipe, sobre quem já falamos.

Não sabemos quando teria sido realizado o enlace, do qual nos dá notícia Lellis Piedade. Parecenos, porém, logo depois da guerra, porque o citado jornalista informou que a jaguncinha não retornara à terra natal, onde seus antepassados deixaram propriedades, por causa do casamento.

O velho José Aras, história viva das pessoas e fatos do tempo do Bom Jesus Conselheiro, disse que conheceu, no interior da Bahia, o casal Maria Rosa-Ângelo Francisco da Silva. “A bela jagunça de Canudos”, escreveu Aras, “me contou muitos fatos da expedição do major Febrônio e outros ligados ao vilarejo” (José Aras, 01).

Como o famoso repentista Inácio de Catingueira eu “canto como professor e canto para aprender”. Por isto mesmo, desejo aprender alguma coisa mais a respeito da moça jaguncinha que se tornou esposa de um capitão de polícia. Com a palavra, pois, parentes e conhecidos do tenente-coronel Ângelo Francisco da Silva.